



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

JOSENILDO DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO: A ESPECTATIVA DA AQUISIÇÃO DE UM
SABER IDEAL**

**ITAPORANGA – PB
2014**

JOSENILDO DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO: A ESPECTATIVA DA AQUISIÇÃO DE UM
SABER IDEAL**

*Monografia apresentada ao Curso de Especialização
em Fundamentos da Educação da Universidade
Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de
Serviço Público do Estado da Paraíba, em
cumprimento à exigência para a obtenção de grau de
especialista*

Orientador: Alex da Silva

**ITAPORANGA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48m Oliveira, Josenildo do Nascimento

O Mito da Caverna de Platão: a expectativa da aquisição de um saber ideal [manuscrito] : / Josenildo do Nascimento Oliveira. - 2014.

35 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Esp. Alex da Silva, Departamento de Educação".

1. Educação. 2. Mundo Sensível. 3. Filosofia. I. Título.

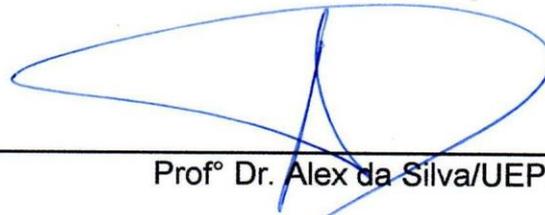
21. ed. CDD 370

JOSENILDO DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO: A ESPECTATIVA DA
AQUISIÇÃO DE UM SABER IDEAL**

*Monografia apresentada ao Curso de Especialização
em Fundamentos da Educação da Universidade
Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de
Serviço Público do Estado da Paraíba, em
cumprimento à exigência para a obtenção de grau de
especialista*

Aprovado em 19/07/2014.



Profº Dr. Alex da Silva/UEPB

Orientador



Profº Alberto Edvanildo Sobreira Coura /UEPB

Examinador



Profº Regimênia Maria Braga de Carvalho/UEPB

examinador

AGRADECIMENTOS

À toda equipe de coordenação do Curso de Especialização, bem com aos professores do curso e a equipe de apoio.

A todos os colegas do curso pelo companheirismo e amizade durante o curso.

OBJETIVOS:

OBJETIVO GERAL:

- *Abordar o aspecto pedagógico do relato do Mito da Caverna, contidas no Livro VII da Republica.*

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- *Delimitar o dualismo platônico.*
- *Enfatizar a superação do conhecimento aparente e superficial à ascensão ao conhecimento puro e abstrato: o mundo das ideias.*

Resumo

A pesquisa visa mostrar o aspecto pedagógico da clássica passagem do Livro VII, da República de Platão, o Mito da Caverna, que relata a condição de homens que desde a infância encontram-se acorrentados dentro de uma caverna, com a face voltada para seu interior; onde as sombras de pessoas que passam próximo a entrada da caverna são projetadas no seu fundo através de uma fogueira que se encontra numa pequena entrada. Os prisioneiros pensam que aquelas sombras projetadas são seres reais, bem como a sombras dos objetos que carregam até as vozes das pessoas atribuem aquelas sombras, os prisioneiros dão nomes a essas sombras.

No segundo momento um dos prisioneiros não conformado com aquela situação consegue com dificuldade se libertar das correntes e da caverna e descobre a razão de ser daquelas imagens e fica deslumbrado ao ver toda aquela realidade e o sol a razão de ser das coisas.

No terceiro momento esse ex-prisioneiro decide voltar e contar aos seus companheiros tudo que tinha visto, mas esses não acreditam nele e inclusive riem dele e o ameaça, se este não para com essas tolices acabariam tirando a lhe a vida.

Está narrativa, expressa didaticamente a existência de duas realidades uma aparente e outra verdadeira, ou dois mundos: um sensível e outro inteligível. Este mundo sensível é ilusório, apreendido através dos sentidos, mundo imperfeito, pois é mutável e contingente. Já o mundo inteligível, é apreendido através do intelecto, onde se contemplam as formas perfeitas, as idéias, as essências imutáveis das coisas.

PALAVRAS-CHAVES: *mundo sensível, mundo inteligível, caverna, ideias.*

ABSTRACT

The research aims to show the pedagogical aspect of classical passage of Book VII of Plato's Republic, the Myth of the Cave, which reports the condition of men who from childhood are chained in a cave, with the face inside ; where the shadows of people passing near the cave entrance are designed at its bottom by a campfire that is a small entrance. The prisoners think those projected shadows are real beings, as well as the remains of objects that carry up the voices of people attribute those shadows, prisoners give names to these shadows. In the second minute of prisoners not conformed to this situation can with difficulty be free of the chains and the cave and discovers the reason for those images and are dazzled to see all that reality and the sun to be the reason of things.

On the third time this former prisoner decides to go back and tell his companions had seen everything, but these do not believe him and even laugh at him and threatens him, if this does not stop with this nonsense would end up taking away his life.

Narrative is didactically expressed the existence of two realities apparent and true other, or both worlds: a sensitive and other intelligible. This material world is illusory, perceived through the senses, imperfect world, because it is changeable and contingent. Have the intelligible world, is apprehended by the intellect, which contemplated the perfect forms, ideas, immutable essences of things.

KEYWORDS: *sensible world, intelligible world, cave ideas.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPITULO 1	17
1. A EDUCAÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA.....	17
1.1 Quem era Platão	17
1.1.1 A Paideia - a formação do educando integralmente	18
CAPITULO 2.....	20
2 SOBRE A REPÚBLICA	20
2.1 A TEORIA DOS DOIS MUNDOS	22
2.3 INTERPRETAÇÃO DO MITO DA CAVERNA	29
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIA.....	35

INTRODUÇÃO

Abordar o aspecto pedagógico da passagem do Mito da Caverna, contida no livro IIV da República, de Platão implica em conseqüências epistemológicas, que vai além do mero acesso ao conhecimento, mas da busca de um conhecimento ideal, absoluto. Um dos aspectos que torna essa passagem singular é a forma metafórica do filósofo expressar o seu pensamento, que integra Filosofia e a Pedagogia numa linguagem didaticamente vivencial, isto é, o sujeito vive pedagogicamente a Filosofia, que em seu estágio final para Platão consiste no alcance a contemplação das idéias.

A situação dramática de prisioneiros acorrentados dentro duma caverna, desde a infância, em que vêem apenas sobras das pessoas e objetos do mudo exterior, didaticamente mostra a situação de ignorância do ser humano, um estágio inicial que é comum a condição humana. Neste primeiro momento da narrativa do Mito da Caverna está explícito a reflexão crítica de Platão de que durante a vida é preciso sair da caverna, em que pedagogicamente significa dizer que temos de sair da situação de ignorância em que nos encontramos num primeiro estágio de nossas vidas.

Sair da caverna é a experiência pedagogicamente filosófica que precisamos para evoluir intelectualmente, ou seja, ascender ao mundo das idéias, é o que acontece num segundo momento da narrativa, quando Platão através do seu protagonista de seus diálogos, Sócrates, sugere essa possibilidade, de um dos prisioneiros conseguir com muito esforço se libertar das correntes e da caverna.

Percebe-se que sair da caverna é para poucos, pois só um dentre os demais teve essa iniciativa, e que logicamente não é tarefa fácil, isso mostra que o acesso ao conhecimento ideal exige muito esforço, de não aceitar a situação em que inicialmente nos encontramos e a ação ou iniciativa de fazer algo para sair desta situação, para assim ascender do mundo das sombras ao mundo das coisas reais, ou seja, do mudo sensível ao mundo inteligível. Esse esforço filosófico será para Platão a Dialética. Tema que será analisado posteriormente.

E como veremos diferentemente do mundo inteligível, o sensível é um mundo ilusório, onde as coisas não têm consistência, devido a sua constante mutabilidade, apesar de aqueles prisioneiros acharem que aquelas imagens são seres reais, na verdade são projeções da realidade exterior e superior, esse mundo superior é onde se encontram as formas perfeitas das coisas é o mundo das idéias.

Essa ferramenta filosófica usada para se libertar é a Dialética, esta é a chave para ascender de nível em nível, para se chegar ao nível mais perfeito, o das idéias, do modelo perfeito e forma das coisas, o método dialético se caracteriza na Filosofia platônica por uma confrontação de pensamentos em torno de se mesmo, que seu desdobramento desemboca num pensamento

absoluto e incondicionado, a idéia, o mundo das idéias, em que cada ser do mundo tem a sua idéia ou modelo ideal, exemplo; o ser justiça tem o seu ideal de justiça, a sua forma perfeita no mundo das idéias, assim como o ser homem tem a sua forma perfeita nesse mundo das idéias, onde as coisas são o que são sem mutabilidade e universalidade.

Assim, pedagogicamente para Platão a Dialética é capaz de conduzir o educando ao saber ideal, utilizando-se da didática do Mito da Caverna sobre a qual será analisada sob o ponto de vista filosófico e pedagógico para a aquisição de um saber ideal.

CAPITULO 1

1. A EDUCAÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA

A educação grega não era um sistema desenvolvido nem rigidamente definido. Em geral, até aos sete anos, as crianças eram educadas no gineceu, na companhia da mãe e das outras mulheres da casa. Depois dessa idade, as raparigas continuavam em casa, onde aprendiam os trabalhos domésticos e música.

Para os rapazes, entre os 7 e os 14 anos, embora não houvesse um programa obrigatório, o ideal era que fossem ocupadas na prática da Ginástica (gymnastiké) e da Música (mousiké).

Para além dos professores de ginástica ou paidotribés (paidotribes) e dos de música ou kitharistés (kitharistes), no final do século V a.C. surge à figura dos grammatistés (grammatistes) para ensinar as crianças a escrever e a ler.

Todos estes professores eram contratados diretamente pela família o que faz com que a educação que cada criança recebia dependesse diretamente da vontade e da capacidade financeira da família.

1.1 Quem era Platão

Nasceu em Atenas, em 428/427 a.C. Aristófanes era seu verdadeiro nome. Descendente do rei Códiro e de Sólon, possuía inclinação natural à vida política. Segundo Aristóteles, Platão foi inicialmente discípulo de Crátilo, seguidor de Heráclito e, posteriormente, de Sócrates. Decepciona-se com os métodos utilizados na política de seu tempo, no regime oligárquico comandado por Cármides e Crítias. Inicia um período de viagens, após o qual, funda a Academia, escola que viria a adquirir grande prestígio em pouco tempo. Escreve várias obras, entre as quais se destacam: Fedro, Teeteto, Banquete, Filebo, Protágoras, Górgias, República, a obra em questão. Pelo conjunto de sua obra e seu legado, situa-se entre os maiores pensadores de todos os tempos.

Platão foi o segundo da tríade dos grandes filósofos clássicos, sucedendo Sócrates (469-399 a.C.) e precedendo Aristóteles (384-322 a.C.), seu discípulo. Como Sócrates, Platão rejeitava a educação que se praticava na Grécia em sua época e que estava a cargo dos sofistas, incumbidos de transmitir conhecimentos técnicos - sobretudo a oratória - aos jovens da elite, para torná-los aptos a ocupar as funções públicas. Os sofistas afirmavam que podiam defender igualmente teses contrárias, dependendo dos interesses em jogo. Platão, ao contrário, pensava em termos de uma busca continuada da virtude, da justiça e da verdade.

1.1.1 A Paideia - a formação do educando integralmente

A Grécia Clássica pode ser considerada o berço da pedagogia. A palavra paidagogos significa aquele que conduz a criança, no caso o escravo que acompanha a criança à escola. Com o tempo, o sentido se amplia para designar toda a teoria da educação. De modo geral, a educação grega está constantemente centrada na formação integral – corpo e espírito – mesmo que, de fato, a ênfase se deslocasse ora mais para o preparo esportivo ora para o debate intelectual, conforme a época ou lugar. Nos primeiros tempos, quando não existia a escrita, a educação é ministrada pela própria família, conforme a tradição religiosa. Apenas com o advento das pólis começam a aparecer as primeiras escolas, visando a atender a demanda.

1.1.1.1 O Conceito de Paidéia

É na Grécia que começa a "História da Educação" com sentido na nossa realidade educativa atual. De fato, são os Gregos quem, pela primeira vez, coloca a educação como problema. Já na literatura grega se vêem sinais de questionamento do conceito, seja na poesia, seja na tragédia ou na comédia. Mas é no século V a. C., com os Sofistas e depois com Sócrates, Platão, Isócrates e Aristóteles que o conceito de educação alcança o estatuto de uma questão filosófica.

É claro que os ideais educativos da Paidéia que vão ser desenvolvidos no século V a. C. se baseiam em práticas educativas muito anteriores. Como sublinha Werner Jaeger, grande estudioso da cultura grega, num célebre estudo justamente intitulado Paidéia

Inicialmente, a palavra Paidéia (p a i d e i a), (de paidos - p a i d o s - criança) significava simplesmente "criação dos meninos". Mas, como veremos, este significado inicial da palavra está muito longe do elevado sentido.

O alargamento do ideal educativo de arete surgiu nos fins da época arcaica, exprimindo-se então pela palavra kaloskagathia (kaloskagathia). Mais que honra e glória pretendem-se então alcançar a excelência física e moral. Os atributos que o homem deve procurar realizar são a beleza (kalos - kalos) e a bondade (kagatos - kagatos).

Para alcançar este ideal é proposto um programa educativo que implica dois elementos fundamentais: a ginástica para o desenvolvimento do corpo, e a música (aliada à leitura e ao canto) para o desenvolvimento da alma. No fim da época arcaica, este programa educativo completava-se com a gramática.

Mas, se até então o objetivo fundamental da educação era a formação do homem individual como kaloskagathos, a partir do século V a. C., exige-se algo mais da educação. Para além de formar o homem, a educação deve ainda formar o cidadão. A antiga educação, baseada na ginástica, na música e na gramática deixa de ser suficiente.

Então que o ideal educativo grego aparece como Paidéia, formação geral que tem por tarefa construir o homem como homem e como cidadão. Platão define Paidéia da seguinte forma "(...) a essência de toda a verdadeira educação ou Paidéia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento"

Do significado original da palavra Paidéia como criação dos meninos, o conceito alarga-se para, no século IV. a.C., adquirir a forma cristalizada e definitiva com que foi consagrado como ideal educativo da Grécia clássica.

Na sua abrangência, o conceito de Paidéia não designa unicamente a técnica própria para desde cedo, preparar a criança para a vida adulta. A ampliação do conceito fez com que ele passasse também a designar o resultado do processo educativo que se prolonga por toda vida, muito para além dos anos escolares.

CAPITULO 2

2 SOBRE A REPÚBLICA

A Obra Republica (em grego politeia) é um dos diálogos mais celebre de Platão, A República está dividida em dez livros ou diálogos em que Platão discorre sobre seu pensamento sobre o Estado ideal, que também expressa sua doutrina sobre o homem ideal. Serve-se da figura de Sócrates como personagem principal. Este trava com seus interlocutores profundos debates sobre diversos temas, desde o discurso sobre a superioridade da justiça em relação à injustiça, passando pela construção da cidade ideal com todos os seus elementos, com destaque para figura e a importância dos filósofos, às reflexões metafísicas sobre os dois mundos, o sensível e o inteligível, até chegar às conclusões sobre o destino da alma. Sendo assim, através das palavras de Sócrates, protagonista dos seus diálogos que envolvia discussões de ordem política e gnosiológica. É no livro sétimo da republica que se encontra a passagem do Mito da Caverna e a Teoria dos Dois Mundos, que dualiza o conhecimento sensível e inteligível. Na República Platão expõe como deve o homem ser educado se quiser tornar-se um filósofo. Como Aristóteles foi seu mais brilhante discípulo durante 20 anos, e suas teorias apresentam notáveis semelhanças e aprofundamentos em relação às de Platão, é de se supor que ele tenha sido educado pelo mestre segundo um plano, se não igual, pelo menos semelhante ao esboçado por Platão na República. Não é descabido supor também que grande parte da genialidade de Aristóteles seja resultado desta educação recebida por meio de Platão.

Na República Platão traça um sistema educacional que, se executado tal como exposto, se iniciaria aos sete anos de idade e se estenderia até aos cinquenta e cinco.

Seu objetivo não era estender o sistema a todos os homens; segundo ele, nem todos os homens são iguais, mas alguns têm uma alma de ouro, outros de prata, outros de ferro e bronze; o filho de quem tem uma alma de ouro pode nascer com uma alma de ferro, e vice versa; só durante o processo de aprendizado é que se faz possível descobrir quem são as almas de ouro. Seu sistema educacional, extremamente exigente e planejado, seria apenas para as almas de ouro; isto, segundo ele, não representaria discriminação nem injustiça para as demais, porque seriam elas próprias a não se interessarem em enfrentar um aprendizado tão longo e difícil. Mas, ainda que poucas almas de ouro o seguissem isto representaria um bem imenso para toda a humanidade; as almas de ouro que se tornassem filósofos tomariam o poder e governariam os povos; tal como o Pai do Universo, que ao contemplar as idéias eternas produziu o cosmos, estas almas, ao alcançarem a contemplação destas mesmas idéias eternas que plasmaram o cosmos, plasmariam os povos e suas instituições segundo o mesmo modelo, imitando assim na sociedade humana a mesma função dos deuses quando da formação do Universo.

Ao contrário do que comumente se pensa este objetivo de Platão não foram uma utopia irrealizada. Eles se

concretizaram na pessoa de Aristóteles seu discípulo; nele Platão encontrou uma alma de ouro, alguém que através desta Pedagogia alcançou uma notável profundidade na contemplação. As obras de Aristóteles são uma transposição para o papel desta atividade contemplativa; nela encontramos uma síntese filosófica que reproduz, tanto quanto possível, a própria ordem do Universo, não em uma narrativa que transpõe o que vêem os olhos, mas em que se procura alcançar a essência desta ordem em todas as suas manifestações possíveis, inclusive na Ética e na Política. E pode-se dizer também que, após alguns séculos de esquecimento, quando Aristóteles se tornou finalmente conhecido pelo mundo medieval, ele tomou o poder durante alguns séculos no mundo ocidental; ele ajudou a plasmar a nossa civilização, e suas opiniões sobre todos os assuntos, desde a ciência natural até a Ética e à Política, tiveram mais força entre os homens do que os decretos passageiros dos soberanos, facilmente revogados e esquecidos.

2.1 A TEORIA DOS DOIS MUNDOS

No que concerne a aquisição do conhecimento foco da nossa pesquisa, isso explicitada no livro VII da República, em que um dos prisioneiros desde a infância do interior de uma caverna consegue ver o mundo exterior, a verdadeira realidade superando a escuridão e as sombras, nos fornece a ilustração de como podemos atingir a verdade em nosso conhecimento e em nossas ações: imaginemo-nos presos a uma caverna, de costas para a sua abertura. Nessa condição, só podemos perceber o movimento das sombras do que está acontecendo lá fora. De repente, um de nós livra-se das correntes e sai para o mundo exterior, onde encontra vida, cor, luz e calor. Ao retornar, relata aos prisioneiros o que viu. Inconformados, estes ameaçam matá-lo. Sem outra condição, o liberto cria fantasias e mitos para justificar as aparências, procurando assim poupar a sua vida.

O texto que narra esse acontecimento é o conhecido Mito da Caverna, por não ser literal, e também conhecido como Alegoria da Caverna, por servir de metáfora a condição humana.

O estudo do mito da caverna visa encontrar um caminho para uma educação do saber ideal, um saber planamente intelectual, abstrato, da superação do saber sensível, contingente, para o inteligível. A teoria Platônica das ideias pressupõe a efetivação de uma investigação crítica e reflexiva do processo de aquisição do conhecimento em geral.

Platão considerava que o mundo material ou físico é o que está sujeito a mudanças contínuas e a oposições internas, seria o mundo em que vivemos formado de coisas imperfeitas, mal definidas, como sombras de uma realidade verdadeira. Um mundo onde as coisas fluem e não são eternas e imutáveis porque são corpos físicos que se desgastam e morrem um dia, cópias infieis de suas idéias perfeitas, eternas e imutáveis que existiriam no "Mundo das Idéias".

Mundo inteligível, ou "Mundo das Idéias", segundo Platão, seria o mundo verdadeiro ou das essências imutáveis, sem contradições nem oposições, sem transformações. Coerente com suas teorias, Platão confiava apenas na razão e nunca nos sentidos, porque o conhecimento e as informações que chegam através dos sentidos são imprecisos diferentemente dos conhecimentos que tomamos com base na razão que não varia de pessoa para pessoa, por ser ela eterna e universal.

Partindo daí, podemos compreender muito bem porque Platão valorizava tanto a matemática, à entrada da Academia, segundo fontes posteriores, se lia à máxima: "Que não entre quem não saiba geometria" na qual, sempre se utiliza a razão para resolvê-la e as respostas são sempre precisas e comuns para todas as pessoas e eternamente as mesmas. A missão da Filosofia Pedagógica Platônica é descobrir a verdade para além da opinião e da aparência, das mudanças e ilusões do mundo temporal.

Sabendo que Platão é inatista com relação à origem das ideias, continuando o legado do seu mestre Sócrates, o qual lhe é atribuída à máxima "conhece a te mesmo", sendo assim, o Platonismo visa encontrar as formas puras das ideias que não se encontra no mundo sensível,

Na teoria Platônica existem quatro formas ou graus de conhecimento que são: a crença, opinião, raciocínio

e intuição intelectual. Para ele as duas primeiras podem ser descartadas da filosofia, pois não são concretas, sendo as duas últimas são as formas de fazer filosofia. Para Platão tudo se justifica através da razão e através dessa que nós chegamos à verdadeira realidade. Então no Platonismo o conhecimento sensível (crença e opinião) é apenas uma realidade aparente, como se fosse uma visão dos homens da caverna do Mito da Caverna e o conhecimento intelectual (raciocínio e indução) alcança a essência das coisas, as idéias.

Para exemplificar, imaginemos num dialogo o mestre perguntando ao discípulo: o que é justiça? Este lhe ia apresentaria vários exemplos de justiças, a dos gregos, dos bárbaros, etc. então para superar essa contingência, esse relativismo, o mestre iria conduzir o discípulo, através da dialética, ao conceito de justiça, isso é **a ideia de justiça**, seu conceito absoluto e universal, por isso Platão é conhecido como idealista.

O termo idealismo vem do grego *ideein* que significa ver e de *eidos*, visão, contemplação. Popularmente, o termo indica um conjunto de padrões do que é mais desejável, comparando-se com os esforços indispensáveis para atingir um objetivo predeterminado.

O vocábulo ideal originário dos gregos *eidos* se refere a algum padrão de perfeição ou algo no sentido de nobreza, alguma coisa de qualidade elevada, ou seja, que deve ser anulado. O ideal pode ser concebido como a forma mais desejável de realização de qualquer coisa.

Tudo que existe é somente na imaginação, sem qualquer realidade física. Quando esse ideal pertence às idéias, então se deve falar em ideal conceptual nos escritos de Platão, o mundo ideal é arquétipo e não material das idéias, das formas universais.

Platão preparou o caminho para um tipo especial de idealismo, que tem uma longa e influente historia. Para ele, as idéias, formas universais são verdadeiras realidades, possuídas de natureza espiritual.

No Diálogo Mênon Platão narra o relato em que Sócrates ensina o difícil Teorema de Pitágoras ao jovem escravo, mostrando assim que o conhecimento inteligível está na essência do ser humano, dentro deste, Platão assim como seu mestre Sócrates compartilham essa perspectiva, esse modo Dialético do conduzir o conhecimento, que será tema do nosso próximo tópico.

2.2 A Dialética Platônica

A tradução literal de dialética significa "caminho entre as idéias". Podemos inferir que a Dialética Platônica seria uma derivação da Maiêutica Socrática, o parto intelectual da alma, isto é, a procura da verdade no interior do homem, e que o seu ponto de chegada é o conceito de idéia.

O que os dois métodos têm em comum é a forma de investigação que consiste numa contraposição de uma opinião e a sua crítica. E o que caracteriza o método Dialético em Platão é a instauração de oposição entre duas ideias, então para fugir desse relativismo é fundamental encontrar algo que seja sempre idêntico a si mesmo, o seu conceito geral.

Sendo assim, a dialética platônica consiste no esforço do espírito humano para superar as opiniões particulares e encontrar as idéias universais.

Sabemos que Platão na Grécia Antiga se depara com ceticismo e relativismo dos sofistas e também conhece o ensinamento de Sócrates, que consiste na busca do conceito, como essência verdadeira das coisas, para além da multiplicidade das opiniões contraditórias e subjetivas.

Platão entende que devemos manter a fundamentação socrática, pois o fluxo incessante de mudanças impede o exercício do pensamento e a busca pelas essências das coisas. A mudança é marca do mundo das aparências, percebida pelos sentidos. Porque o mundo sensível é o mundo das aparências e das mudanças, nele e dele só podemos ter opiniões e estas são mutáveis e contraditórias como seus objetos.

Ao exigir a identidade, e imobilidade do Ser, estamos no mundo inteligível, das formas incorpóreas e imaterial, imutáveis e idênticas é a marca do mundo das idéias. Sendo que Platão sustenta a idéia de várias essências, para cada objeto sua respectiva essência.

A diferença entre o sensível e o inteligível, entre o visível e o invisível é à base da teoria Platônica do conhecimento e da dialética como método e instrumento para passarmos do sensível para o inteligível, do visível para o invisível.

Por isso, que as coisas reais dispensam formato, cor, matéria. Pois só existe no pensamento, no mundo das idéias; sua idealidade; que nossa alma o conhece o objeto real através de uma visão intelectual.

A teoria Platônica das idéias está distribuída em um diagrama dividida em duas partes desiguais; a parte inferior ou menor e o mundo visível e a maior e superior é o mundo inteligível, apreendido apenas pelo pensamento. A distribuição dos modos de conhecer, por ser feita hierarquicamente, nos mostra graus de conhecimento indo do mais baixo ao mais auto.

Observe o diagrama da Teoria das Ideias:

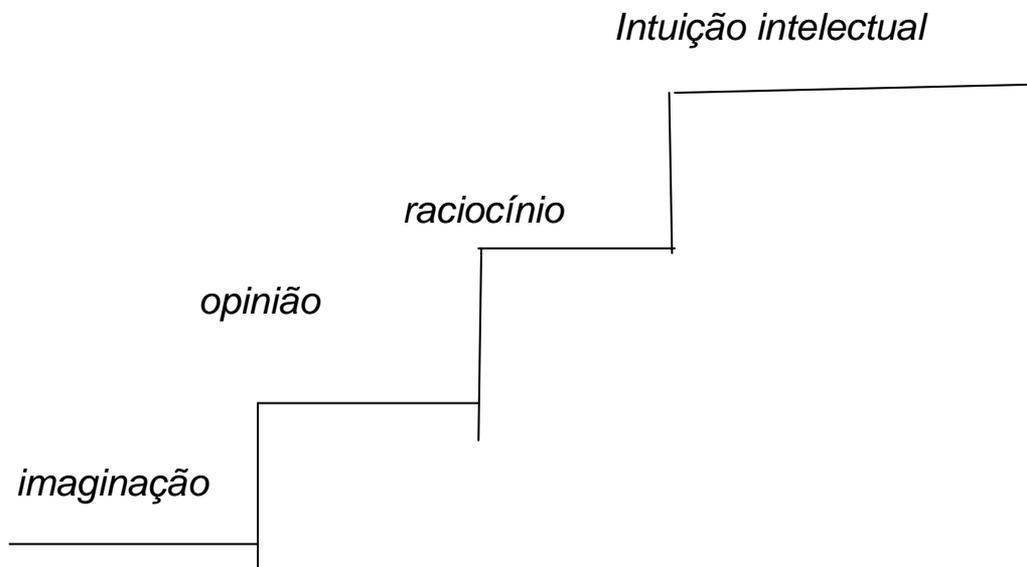
Os Objetos do Conhecimento:

Os Modos do conhecimento:

<p>O Bem</p> <p>Mundo Inteligível: Formas e Objetos Matemáticos</p>	<p>4. Intuição intelectual ou ciência</p> <p>3. Raciocínio</p>
----------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------

<i>Mundo Sensível: Coisas Visíveis</i>	2. Crença 1. Imaginação
----------------------------------------	----------------------------

Podemos também demonstrá-lo do seguinte modo:



A primeira fase imaginação indica coisas que são apreendidas pela percepção de imediato, isto é, são imaginações de coisas sensíveis. A segunda fase é a opinião, a confiança que depositamos na percepção, tendo por objeto as coisas naturais, a opinião acredita sem verificação, sem questionar, o sujeito é passivo. Varia de pessoa para pessoa.

A terceira fase é o raciocínio, conhecimento dos objetos matemáticos, esse conhecimento permite termos um contato com a essência das coisas, mas ainda não é o mais alto-grau do conhecimento, pois o matemático precisa ilustrar sensivelmente seu objeto através de linhas, formas geométricas.

O quarto modo é o saber verdadeiro, a intuição intelectual, conhecer pelo espírito, este nível mais alto conhece as essências das coisas, a forma inteligível, a verdade incondicionada, o principio das coisas, o Bem. A dialética é o que permite a alma dinamicamente ascender de hipótese em hipótese a chegar ao não condicionado. Deste modo o pensamento opera apenas com formas inteligíveis, indo de uma a outra, sem cair no raciocínio, nem na crença ou opinião, muito menos na imaginação.

Como vimos para a alma ascender ao mundo inteligível, de nível em nível é imprescindível o uso da dialética, que consiste em:

- 1) *A atividade de conduzir uma discussão para captar as contradições e os desvios que perturbam o caminho de chegada a uma definição coerente e universal sobre alguma coisa.*
- 2) *Método de perguntas e respostas, para buscar aquilo que se sabe.*
- 3) *Maneira pela qual o intelecto apreende conceitualmente uma realidade captando sua essência.*
- 4) *Uma atividade de duas etapas básicas uma inferior que opera contradições e crenças; a segunda superior a verdadeira dialética, que opera desfazendo as hipóteses para alcançar o incondicionado, a idéia pura, captando assim as essências das coisas.*
- 5) *Diferentemente da matemática que opera dedutivamente com relações entre elementos, já a dialética superior alcança a essência mesma das coisas, a contemplação das mesmas. Este grau de conhecimento é obtido pelo intelecto, que conhece a essência das coisas, a forma inteligível, a verdade incondicionada, o princípio. Com a dialética platônica é possível à alma ascender de hipótese em hipótese e chegar assim ao não hipotético, ao não condicionado por outra coisa. Assim o pensamento se desenvolve apenas com formas inteligíveis, as idéias em si; sem recair no raciocínio, relação entre idéias, nem na opinião ou crença, muito menos na imaginação de objetos sensíveis.*

3.2 O Relato do dialogo: O Mito da Caverna

LIVRO VII - Extraído de "A República" de PLATÃO. 6º ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291

SÓCRATES – Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só vêem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem.

GLAUCO - Imagino tudo isso.

SÓCRATES - *Supõe ainda homens que passam ao longo deste muro, com figuras e objetos que se elevam acima dele, figuras de homens e animais de toda a espécie, talhados em pedra ou madeira. Entre os que carregam tais objetos, uns se entretêm em conversa, outros guardam em silêncio.*

GLAUCO - *Similar quadro e não menos singulares cativos!*

SÓCRATES - *Pois são nossa imagem perfeita. Mas, diga-me: assim colocados, poderão ver de si mesmos e de seus companheiros algo mais que as sombras projetadas, à claridade do fogo, na parede que lhes fica frente?*

GLAUCO - *Não, uma vez que são forçados a ter imóveis a cabeça durante toda a vida.*

SÓCRATES - *E dos objetos que lhes ficam por detrás, poderão ver outra coisa que não as sombras?*

GLAUCO - *Não.*

SÓCRATES - *Ora, supondo-se que pudessem conversar, não te parece que, ao falar das sombras que vêm, lhes dariam os nomes que elas representam?*

GLAUCO - *Sem dúvida.*

SÓCRATES - *E, se, no fundo da caverna, um eco lhes repetisse as palavras dos que passam, não julgariam certo que os sons fossem articulados pelas sombras dos objetos?*

GLAUCO - *Claro que sim.*

SÓCRATES - *Em suma, não creriam que houvesse nada de real e verdadeiro fora das figuras que desfilaram.*

GLAUCO - *Necessariamente.*

SÓCRATES - *Vejamos agora o que aconteceria, se se livrassem a um tempo das cadeias e do erro em que laboravam. Imaginemos um destes cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente, a volver a cabeça, a andar, a olhar firmemente para a luz. Não poderia fazer tudo isso sem grande pena; a luz, sobre ser-lhe dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via. Que te parece agora que ele responderia a quem lhe dissesse que até então só havia visto fantasmas, porém que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, via com mais perfeição? Supõe agora que, apontando-lhe alguém as figuras que lhe desfilavam ante os olhos, o obrigasse a dizer o que eram. Não te parece que, na sua grande confusão, se persuadiria de que o que antes via era mais real e verdadeiro que os objetos ora contemplados?*

GLAUCO - *Sem dúvida nenhuma.*

SÓCRATES - *Obrigado a fitar o fogo, não desviaria os olhos doloridos para as sombras que poderia ver sem dor? Não as consideraria realmente mais visíveis que os objetos ora mostrados?*

GLAUCO - *Certamente.*

SÓCRATES - Se o tirassem depois dali, fazendo-o subir pelo caminho áspero e escarpado, para só o liberar quando estivesse lá fora, à plena luz do sol, não é de crer que daria gritos lamentosos e brados de cólera? Chegando à luz do dia, olhos deslumbrados pelo esplendor ambiente, ser-lhe ia possível discernir os objetos que o comum dos homens tem por serem reais?

GLAUCO - A princípio nada veria.

SÓCRATES - Precisaria de algum tempo para se afazer à claridade da região superior. Primeiramente, só discerniria bem as sombras, depois, as imagens dos homens e outros seres refletidos nas águas; finalmente erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia.

GLAUCO - Não há dúvida.

SÓCRATES - Mas, ao cabo de tudo, estaria, decerto, em estado de ver o próprio sol, primeiro refletido na água e nos outros objetos, depois visto em si mesmo e no seu próprio lugar, tal qual é.

GLAUCO - Fora de dúvida.

SÓCRATES - Refletindo depois sobre a natureza deste astro, compreenderia que é o que produz as estações e o ano, o que tudo governa no mundo visível e, de certo modo, a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna.

GLAUCO - É claro que gradualmente chegaria a todas essas conclusões.

SÓCRATES - Recordando-se então de sua primeira morada, de seus companheiros de escravidão e da idéia que lá se tinha da sabedoria, não se daria os parabéns pela mudança sofrida, lamentando ao mesmo tempo a sorte dos que lá ficaram?

GLAUCO - Evidentemente.

SÓCRATES - Se na caverna houvesse elogios, honras e recompensas para quem melhor e mais prontamente distinguisse a sombra dos objetos, que se recordasse com mais precisão dos que precediam, seguiam ou marchavam juntos, sendo, por isso mesmo, o mais hábil em lhes predizer a aparição, cuidas que o homem de que falamos tivesse inveja dos que no cativo eram os mais poderosos e honrados? Não preferiria mil vezes, como o herói de Homero, levar a vida de um pobre lavrador e sofrer tudo no mundo a voltar às primeiras ilusões e viver a vida que antes vivia?

GLAUCO - Não há dúvida de que suportaria toda a espécie de sofrimentos de preferência a viver da maneira antiga.

SÓCRATES - Atenção ainda para este ponto. Supõe que nosso homem volte ainda para a caverna e vá assentar-se em seu primitivo lugar. Nesta passagem súbita da pura luz à obscuridade, não lhe ficariam os olhos como submersos em trevas?

GLAUCO - Certamente.

SÓCRATES - Se, enquanto tivesse a vista confusa -- porque bastante tempo se passaria antes que os olhos se afizessem de novo à obscuridade -- tivesse ele de dar opinião sobre as sombras e a este respeito entrasse em discussão com os companheiros ainda presos em cadeias, não é certo que os faria rir? Não lhe diriam que, por ter subido à região superior, cegara, que não valera a pena o esforço, e que assim, se alguém quisesse fazer com eles o mesmo e dar-lhes a liberdade, mereceria ser agarrado e morto?

GLAUCO - Por certo que o fariam.

SÓCRATES - Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto à mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a idéia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos.

2.3 INTERPRETAÇÃO DO MITO DA CAVERNA

O texto de Platão opõe dois mundos: o visível/sensível e o invisível/inteligível. O primeiro, a caverna, o interior da caverna, é representada pelas sombras que os homens vêem ao fundo, projetadas na parede. O segundo, fora da caverna, é o mundo que os homens vêem, onde há luz e objetos.

Enquanto submetidos à realidade da caverna, os homens acreditam que só a realidade existe, ou melhor, que o que vêem projetados no fundo da caverna é a realidade. Ali vêem sombras e ouvem vozes, que atribuem não aos homens que carregam os objetos, mas as próprias sombras.

Está é a primeira parte do texto, o primeiro movimento da exposição. Em seguida, Platão, através de Sócrates, nos propõe uma hipótese. Na possibilidade de algum dentre os homens sair da caverna, o que lhe

sucedará? Primeiro poderá ter a visão ofuscada pela claridade, pela luz que vem pela boca da caverna é necessário, pois, que ele se acostume com a luz e passe com certo vigor da sombra à claridade. Na medida em que vai abandonando a caverna, vai discernindo entre sombras e objetos, entre objetos terrestres e celestes, por fim poderá contempla a própria luz, o próprio Sol – razão de ser de todas as coisas.

Esse procedimento, a que se tem denominado dialética ascendente, é uma das fases do conhecimento para Platão.

Dentro da segunda parte, ocorre uma segunda hipótese – ou terceira parte: o retorno deste homem que saiu da caverna e a ela volta. Do mesmo modo que ele teria seus olhos ofuscados se saísse bruscamente da caverna em direção à luz, ficaria momentaneamente cego se saísse da luz a caminho da caverna, para seu interior. Seria incapaz de ver, distinguir as sombras e tornar-se-ia presa do ridículo.

Nessa alegoria aparecem muitas metáforas, por assim dizer, relacionadas com o processo de conhecimento. Em primeiro lugar, a dicotomia ou a oposição entre sensível e inteligível, sombra e luz. Nesse caso, o conhecimento aparece tendo duas fases: o sensível e o inteligível; na primeira, os homens conhecem as coisas através dos sentidos, na segunda, pela razão. Por outro lado, opõe-se, também, aquele que sabe, por assim dizer, a essência das coisas – o conhecimento filosófico. O conhecimento pelos sentidos será associado ao corpo e pala razão, à alma. O verdadeiro conhecimento, portanto é dado pela passagem do conhecimento sensível para o inteligível.

Mas Platão lembra-nos que essa passagem não se faz uma hora para outra, de uma só vez. É preciso “acostumar-se”. É um processo lento de subida – ascense – das sombras à realidade (verdadeira). A opção pela passagem é difícil, quando o sujeito é forçado a se levantar, afastando-se a força, obrigado a subir, obrigado a fitar a própria luz. O entendimento mais claro mostra ser a dificuldade que esse processo – do conhecimento – neste caso mostrar ser um processo de libertação não de imposição, pois para Platão o corpo é o cárcere da alma; lembremos que os prisioneiros da caverna estão amarrados desde a infância.

O retorno à caverna e agora as dificuldades encontradas para se adaptar a realidade – das sombras – expõe o sujeito que viu a luz e os objetos verdadeiros. Como encarar a situação em que em que os olhos do filósofo não se habituem mais as trevas? O filósofo sente pena dos que habitam o interior da caverna que pensam que vêem a realidade, quando vêem sombras.

Justamente caberia destacar essa duplicidade de sentimentos: os homens do fundo da caverna riem do filósofo que a ela retorna e é incapaz de ver as sombras, ofuscado pelas trevas. O filósofo busca ajudar a tirar os companheiros da caverna, ou seja, transmitir o conhecimento verdadeiro das coisas, e conduzi-los a luz. Mas o filósofo é considerado tolo, inclusive é levado ao ridículo.

Uma interpretação possível seria a de que apresenta a “incomunicabilidade” a que estão sujeitos os filósofos e os homens comuns. Em que uns se apegam ao conhecimento superficial, pela segurança e acomodação deste. A rigor não se sabe o motivo da falta de interesses desses sujeitos comuns. Essa incomunicabilidade é responsável entre a distância entre teoria e prática, entre senso comum e conhecimento científico e filosófico.

A simbologia é a tradução dos acontecimentos para a mitologia, expressa numa narrativa

Veja o esquema:

acontecimento → mito → alegoria → conceito

O mito da caverna é uma elaboração didática e simbólica. Nessa linguagem simbólica temos uma exposição alegórica em pressupõem uma interpretação emocional a partir da vivência do interprete.

A simbologia do mito da caverna permite passar da linguagem simbólica para a conceitual

A narrativa expressa dramaticamente a imagem de prisioneiros que desde o nascimento são acorrentados no interior de uma caverna de modo que olhem somente para uma parede iluminada por uma fogueira. Essa, ilumina um palco onde estátuas dos seres como homem, planta, animais etc. são manipuladas, como que representando o cotidiano desses seres. No entanto, as sombras das estátuas são projetadas na parede, sendo a única imagem que aqueles prisioneiros conseguem enxergar. Com o correr do tempo, os homens dão nomes a essas sombras (tal como nós damos às coisas) e também à regularidade de aparições destas. Os prisioneiros fazem, inclusive, torneios para se gabarem, se vangloriarem a quem acertar as corretas denominações e regularidades.

Imaginemos agora que um destes prisioneiros é forçado a sair das amarras e vasculhar o interior da caverna. Ele veria que o que permitia a visão era a fogueira e que na verdade, os seres reais eram as estátuas e não as sombras. Perceberia que passou a vida inteira julgando apenas sombras e ilusões, desconhecendo a verdade, isto é, estando afastado da verdadeira realidade. Mas imaginemos ainda que esse mesmo prisioneiro fosse arrastado para fora da caverna. Ao sair, a luz do sol ofuscaria sua visão imediatamente e só depois de muito habituar-se à nova realidade, poderia voltar a enxergar as maravilhas dos seres fora da caverna. Não demoraria a perceber que aqueles seres tinham mais qualidades do que as sombras e as estátuas, sendo, portanto, mais reais. Significa dizer que ele poderia contemplar a verdadeira realidade, os seres como são em si mesmos. Não teria dificuldades em perceber que o Sol é a fonte da luz que o faz ver o real, bem como é desta fonte que provém toda existência (os ciclos de nascimento, do tempo, o calor que aquece etc.).

Maravilhado com esse novo mundo e com o conhecimento que então passara a ter da realidade, esse ex-prisioneiro lembrar-se-ia de seus antigos amigos no interior da caverna e da vida que lá levavam. Imediatamente, sentiria pena deles, da escuridão em que estavam envoltos e desceria à caverna para lhes contar o novo mundo que descobriu. No entanto, como os ainda prisioneiros não conseguem vislumbrar senão a realidade que presenciam, vão debochar do seu colega liberto, dizendo-lhe que está louco e que se não parasse com suas maluquices acabariam por matá-lo.

2.4 Interpretação gnosiológica

A narrativa expressa uma visão distorcida da realidade. No mito, os prisioneiros somos nós que enxergamos e acreditamos apenas em imagens criadas pela cultura, conceitos e informações que recebemos durante a vida. A caverna simboliza o mundo, pois nos apresenta imagens que não representam a realidade. Só é possível conhecer a realidade, quando nos libertamos destas influências culturais e sociais, ou seja, quando saímos da caverna.

O que é a caverna? A caverna é a condição que a humanidade encontra-se.

Que são as sombras das estatuetas? É o que a ignorante fantasia, acreditando e solidificando idéias oriundas de deduções.

Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? É quem procura o saber, Quem não fica na inércia.

O que é a luz exterior do sol? A luz do sol é o saber. É o conhecimento impactando num primeiro momento. É quando o homem aceita adquirir o saber, ficando abismado com a realidade e só acostuma com a prática na busca do conhecimento daí familiariza-se com o aprendizado em querer o saber.

O que é o mundo exterior? É o infinito conhecimento que está à disposição da humanidade e que basta ser explorado.

Qual o instrumento que liberta o prisioneiro que saiu da caverna e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? O instrumento que liberta o prisioneiro da caverna é busca pelo conhecimento e o que ele deseja libertar é com a socialização dessa sabedoria.

O que é a visão do mundo real iluminado? É a atmosfera que o homem se deixa entrar, adquirir e cultivar a sabedoria e a busca pela verdade.

Porque os prisioneiros zombam, espancam e matam aquele que saiu da caverna?

Para Platão a ignorância cria idéias e deduções que com o passar dos tempos tais idéias se concretizam em suas mentes e passam a tornar-se tão reais a ponto de não deixar se quer abrir passagem para possibilidades de se adquirir novos conhecimentos e assumirem uma postura de que estavam equivocados. Somente com a iniciativa da busca pelo conhecimento, ou seja, sair da inércia ele se torna diferente e no processo de socializar

ele é inferiorizado por ser.

2.5 A interpretação pedagógica

Numa perspectiva pedagógica está evidente o aspecto didático da passagem, passar do mundo sensível ao mundo inteligível, não é fácil, primeiro pelo aspecto circunstancial e condicional, quem está à vida toda acostumado com certos tipos de verdades, sair da acomodação é um processo andou, sair das amarras dos preconceitos e opiniões, coisas de que fomos acostumados a vida toda a acreditar.

Para superar esses entraves, o educador deve ter uma postura instigadora de modo a fazer o educando sair de dentro da caverna das opiniões e crenças, através do dialogo ou Maiêutica, A Maiêutica Socrática tem como significado "Dar a luz (Parto)" intelectual, da procura da verdade no interior do ser humano. Sócrates conduzia este parto em dois momentos: No primeiro, ele levava os seus discípulos ou interlocutores a duvidar de seu próprio conhecimento a respeito de um determinado assunto; no segundo, Sócrates os levava a conceber, de si mesmos, uma nova ideia, uma nova opinião sobre o assunto em questão. Por meio de questões simples, inseridas dentro de um contexto determinado, a Maiêutica dá à luz ideias complexas. A maiêutica baseia-se na ideia de que o conhecimento é latente na mente de todo ser humano, podendo ser encontrado pelas respostas a perguntas propostas de forma perspicaz.

Muito interprete entende que Sócrates, mestre de Platão foi o único filósofo que aplicou a Filosofia na prática, e Platão a teorizou.

Sendo assim seria possível aplicar à prática as ideias de Platão, o seu idealismo, popularmente uma realidade muito abstrata é considerada de "platônica" se fala até de "amor platônico", então opõe seria uma pedagogia platônica? seria o da busca de um saber ideal?

CONCLUSÃO

A proposta da Filosofia Pedagógica de Platão pressupõe por parte do filósofo, ou do aprendiz de filósofo, uma elevada capacidade de abstração, não apenas para compreender o que seja a idéia da beleza ou do bem em si mesmo, mas para alcançá-las com suficiente firmeza para serem não apenas objeto de investigação, mas também de contemplação.

Na teoria das idéias é possível se obter a conciliação de duas filosofias de perspectiva antagônicas, uma de Heráclito da que o que o ser é mutável e outra de Parmênides de que o ser não

muda, então Platão conseguiu mostrar em sua teoria que o que muda é a aparência do ser e sua essência não muda, sendo assim superando o relativismo sofístico e estruturando o conceito das coisas.

A concepção de platônica é essencial para que haja ciência, pois se não existisse a verdade, o que seria dos postulados científicos? Teríamos de ficar constantemente reformulando todas as teorias da física e matemática etc.

Na teoria do conhecimento de Platão, isto é, com relação à aquisição do conhecimento, a relação sujeito e objeto, sujeito que conhece e objeto que é conhecido.

Temos no mito da caverna a ilustração do processo de aquisição do conhecimento, este relato mostra a condição a acesso as idéias, mostrando a condição de ignorância de muitos, Platão sustenta o pressuposto de que a transformação intelectual do individuo vem pela aquisição das idéias, o acesso ao conhecimento puro.

A realidade para Platão é dividida em duas dimensões, uma que nos se apresenta de imediato, pelos sentidos, e outra que a transcende, das idéias. Então para ter acesso a essa realidade é preciso ver além das aparências, além dos sentidos; visto que os sentidos nos enganam e, além disso, seu objeto está numa mudança constante.

Para o filósofo essas duas dimensões tem uma relação, pois o mundo sensível é copia do mundo inelegível, e como sabemos uma copia não pode ser igual ao original, com a sombra de um objeto não pode ser o próprio objeto; mesmo que este se assemelhe.

Do ponto de vista pedagógico Platão nos conduz ao entendimento de que os objetos terrestres tem seu correspondente perfeito transcendente, criando uma hierarquia dicotômica, que até nos deparamos, com por exemplo: do bem e do mal, certo ou errado, do que é e do que não é.

Pedagogicamente, as ideias de Platão nos conduzem ao entendimento de que devemos ver as coisas além das aparências; para aquisição de um saber ideal.

REFERÊNCIAS

PLATÃO. *A República, 514a – 517a, “Livro VII, A Alegoria Caverna”, trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Calouste – Gulbenkian, 1993.*

JAEGER, Werner. *Paidéia. São Paulo/Brasília, Martins Fontes/ UnB, 1989.*

CUNHA, José Auri – *Iniciação à investigação filosófica. São Paulo, Atual Editora, 1992.*

BREHIER, Émile, *História da Filosofia (Antiga). São Paulo, Mestre Jou, s.d.*

VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. *Historia dos filósofos ilustrada pelos Textos. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1976.*